FLORA ASSUMPÇÃO

relicário [a natureza da natureza]

FLORA ASSUMPÇÃO

relicário [a natureza da natureza]

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO | USP
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES | ECA
DEPARTAMENTO DE ARTES PLÁSTICAS | CAP

Projeto artístico equivalente à Tese, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Artes, Área de Concentração Artes Visuais, Linha de Pesquisa Poéticas Visuais, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do Título de Doutora em Artes, sob a orientação do Prof. Dr. Marco Francesco Buti

Relicário [a natureza da natureza]

Flora Romanelli Assumpção

São Paulo
2019

Ficha Catalográfica

ASSUMPÇÃO , Flora Romanelli

Relicário: [a natureza da natureza] / Flora Romanelli
ASSUMPÇÃO ; orientador, Marco Francesco Buti. -- São
Paulo, 2019.
200 p.: il.

Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Artes
Visuais - Escola de Comunicações e Artes / Universidade de
São Paulo.

Bibliografia

Versão original

1. linguagem visual 2. conhecimento visual 3. natureza e
cultura 4. arquitetura e miniatura 5. materiais e técnicas

I. Buti, Marco Francesco II. Título.
CDD 21.ed. - 700

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001'.

"This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001"

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marco Francesco Buti | USP

Agradecimentos

A Marco Buti, pela orientação livre, pela sagacidade que ensina e pela confiança.

A Flávio Lamenha, companheiro de todas as horas e parceiro de arte, pelo amor.

A Francisco, pelo alento e sopro de vida, pelo amor.

A Yohana Junker, Icaro Ferraz Vidal Jr, Luciana Nemes e Luciene Torres, pela parceria e interlocução valiosa.

A Marcelo Silveira, pelos pitacos que (co)movem, pela sagacidade.

Aos familiares, pela existência, mesmo nas distâncias.

Àqueles que estiveram comigo quando eu precisei.

Àqueles que de alguma forma contribuíram para a tomada de consciência de meu processo criativo.

Aos mestres, das bancas ou fora delas e aos alunos; interlocutores que somam.

A CAPES, pela ousadia institucional do incentivo às artes dentro da universidade.

RESUMO

Relicário [a natureza da natureza] é o corpo de trabalhos artísticos aqui reunidos sob esta forma coesa. Esta tese inclui realizar o trabalho em si mesmo, tanto quanto pensar formas de registrar e documentar organizadamente o processo criativo, e o trabalho finalizado com suas inter-relações e desdobramentos. Esta organização visual busca compartilhar a percepção do artista visual durante o desenvolvimento de seus processos criativos e de pesquisa, tornando evidente e valorizando a complexidade intelectual desta área do conhecimento humano: a linguagem visual. A tese é uma colagem não linear, premissa necessária para refletir a coesão e a multiplicidade simultânea e circular do pensamento visual.

PALAVRAS-CHAVE: desenho, processo artístico, linguagem visual, conhecimento visual, arquitetura, escala da miniatura, ornamento, natureza e cultura, sobrenatural, literatura e mito, materiais e técnicas.

ABSTRACT

Reliquary [the nature of nature] is the body of artistic works gathered here in this cohesive form, where seeing, doing and thinking are faces of the same creative act. This thesis includes performing the work itself, as well as thinking of ways to record and document the creative process and the work finalized with their interrelationships and unfolding. This visual organization seeks to share the perception of the visual artist during the development of her creative and research processes, making evident and valuing the intellectual complexity of this area of human knowledge: visual language. The thesis is a non-linear collage, a necessary premise to reflect the cohesion and the simultaneous and circular multiplicity of visual thinking.

KEY WORDS: drawing, artistic process, visual language, visual knowledge, architecture, scale of the miniature, ornament, nature and culture, supernatural, literature and myth, materials and techniques.

para ver

"Eu nunca toquei a vida com a ponta dos dedos."

*[Iberê Camargo, citado na página home do
Instituto Iberê Camargo.]*

abertura 24.03.2018 às 15h até 20h
visitação até 20.05.2018
ENTRADA FRANCA
quarta a sexta | 12h - 20h
sábados | 14h - 20h
domingos | 15h - 19h
galeriajanetecosta@gmail.com | 81 3355.9825

Realização:

Janete Costa
GALERIA

Dona Linda
PARQUE

RECIFE
PREFEITURA DA CIDADE

https://www.sescsp.org.br/programacao/111179_HERBARIO

Sesc
SÃO PAULO

O que você procura?

• programação • cursos • turismo • unidades • serviços • conteudoteca • loja

Esta atividade faz parte da

Display - Programa trimestral de exposições de artes visuais cujo suporte para as obras são backlights dispostos pelos espaços da Unidade. » [saiba mais](#)

[Veja todas as atividades](#)

ARTES VISUAIS

Herbário
FLORA ASSUMPÇÃO

Essa atividade aconteceu de 13/01/2017 a 05/05/2017
no Sesc Osasco.

Mas nossa programação não para!
Quer fazer uma nova busca?
Clique em [Programação](#) e fique por dentro de tudo o que está
acontecendo nas Unidades do Sesc em São Paulo

DISPLAY

Creio que fica bem claro pela diferença do rigor (não menos rigor, mas outro rigor operante), o que é estudo do que é trabalho acabado. O olho atento, envolvido, percebe logo.

Por vezes tenho a sensação de que configuro tudo que vejo ao que busco ou penso. Mas o pensamento acontece conforme vejo.

Diferente da síntese eloquente do catálogo, onde interessa a concisão que tem que dizer muito, o caderno do artista mantém um raciocínio cíclico obstinado, as ideias vêm e vão [nuances pequenas contam], a toda hora algo é retomado e reconfigurado. Há uma repetição que vai à exaustão, que ultrapassa limites e gera transformação; é o que move o ato criativo.

"É uma caixa. Será que se move?"

Sou Fujimoto. Reflexões publicadas em exposição na Japan House em São Paulo, visitada em dezembro de 2017.

"En todos los tiempos la figura humana se ha puesto de todos los diferentes tamanhos en un mismo monumentos, y es o que no se ha tendido a la imitación, sino a la representación de una acción o idea."

Antoni Gaudí. Caderno de notas 1873-79.

Em tradução livre:

"Em todos os tempos a figura humana foi colocada de todos os tamanhos diferentes nos mesmos monumentos, e é que não tendeu à imitação, mas à representação de uma ação ou idéia."

"A arquitetura reinventa a caverna."

"A arquitetura não abrange nada; ela só cria o subir e o descer de espaços."

"Este é um objeto de 10cm, 1m, 5m, 30m ou 500m de altura?"

Sou Fujimoto. Reflexões publicadas em exposição na Japan House em São Paulo, visitada em dezembro de 2017.

Imagens encontradas (e manipuladas) no Google ao digitar os nomes dos itens.
Acesso em 10/01/2019.

Um maior conhecimento do material fez a configuração espacial, as ocupações se alterarem.

A cada trabalho entendi melhor a volumetria escultórica das dobras/módulos. A delicadeza deste volume e a beleza desta fragilidade.

A 'Drusa' (azul, 2013-2014, Galeria Emma Thomas, SP) ligava/levava a uma noção de revestimento. Isso me fez, de início, diminuir o volume das dobras. Mas a própria natureza do material recusava perder volume.

Depois, pensando no porquê e nas referências da escolha da cor verde (até aqui ainda não interessava misturar as cores num mesmo projeto), a referência do reino vegetal, fui levada/cheguei ao 'Rabo de Lagarto' (2014, MAMAM, Recife), que de bicho virou planta (ou o inverso). E aqui o volume já importava mais.

Mas a planta é trepadeira que é pura ação e movimento, como o animal. Rastejantes. Ou cascatas?

As grades, além de aprisionar ou separar as duas paisagens, também trazem, com seus desenhos intrincados e delicados, a referência da capacidade criativa do homem sempre condicionada às possibilidades matemáticas dos desenhos primordiais da natureza.

As grades aqui funcionam como janelas no meio do jardim -natureza domesticada, recriada pelo humano- semiabertas para um mundo de florestas indomadas, intocadas. E como os biombos, elas se fazem anteparo, mas transparente pelo vazado. Do biombo, por vezes opaco, interessa a mobilidade, a inconstância.

A imersão na folhagem das florestas ou árvores é como a imersão no azul das águas. A complexidade da folhagem é tão fluida quanto a água. O vento na vegetação soma outra complexidade.

ACESSO GRATUITO
A partir de 25/10/2016
Segunda a sexta 8h-20h | Sábado 8h-13h
Jardim do Paço Municipal de Guarulhos
(Entrada do Fácil - Parque JB Maciel)
Av. Bom Clima, 91. Guarulhos-SP

Apoio

**PREFEITURA
DE GUARULHOS**

Realização

FUNDACÃO NACIONAL DE ARTES
funarte

MINISTÉRIO DA
CULTURA

BRASIL
GOVERNO FEDERAL

Este projeto foi contemplado pelo Edital Arte Monumento Brasil 2016

A natureza da natureza, 2015.
4x8x5m (Aprox.)

No subsolo do então Paço das Artes-SP, a convite da Feira Parte, experimentei a mistura das cores nos módulos de acetato translúcido, a primeira experiência da série 'A natureza da natureza'. Foi quando me apropriei mais do chão e do caimento do material, pois não havia paredes no espaço. Mas foi ainda uma

escala reduzida e desenho algo tímido.

Nesta época, me ocupavam os olhos tanto a forma coesa (circular, espiral, convergente, divergente a partir de um ponto), quanto os tirantes (cipós e trepadeiras) caindo no espaço verticalmente.

Corrales Azules, 2018 240m²

Durante uma residência artística em Pinea-Linea de Costa, em Rota, na Baía de Cádiz na Espanha, realizei experimentos de mesclar meu trabalho com o de duas outras artistas colegas de residência, Chia Ru Chen (Taiwan) e Suan Seol (Coreia do Sul). Pensamos em expor nossos trabalhos realizados durante o período em Rota em três individuais simultâneas que se contaminassem de algum modo e que uma se apropriasse do trabalho da outra como parte da sua própria obra, até porque trabalhamos separadamente em nossos projetos, mas tínhamos algum ponto de tangência na relação com a natureza e a cultura em nossas pesquisas. Achei bastante interessante ver meu trabalho junto com o de Chia Ru Chen, o contraste estranhamente integrado do plástico artificial com a natureza seca coletada para a obra dela.

A princípio eu pensava que trabalharia em uma forma fechada, circular, mas este desenho não dialogava com o espaço arquitetônico onde iríamos expor e também dava pouca abertura para diálogo com as obras das demais artistas, de modo que alterei totalmente meu projeto. Foi meio natural retornar às linhas fluidas, como movimento de água entrando e saindo dos currais de pesca da Antiguidade Romana (construídos no mar da Baía de Rota, Cádiz na Antiguidade Romana, com pedras, areia e crustáceos, estes 'corrales', de tão antigos soam à humanidade como acidente geográfico, mas são hoje Patrimônio da Humanidade pela UNESCO, e lembram os sambaquis da APA de Ilha Comprida/ Brasil –onde fiz residência em 2014 durante o mestrado– cuja reserva de Mata Atlântica é também Patrimônio Mundial Natural da UNESCO e remetem aos Pinares, florestas típicas de Cádiz).

O trabalho com os módulos é matemática da natureza, geometria aplicada, matemática pura, porque é escultórico e segue uma gradação com razão constante. Também são matemática, geometria pura as Mboitatás e as correntes-serpentes todas. Quando se percebe esta geometria, não existe repetição monótona. E as variações se ampliam.

Quanto mais se conhece a técnica, melhor se trabalha. No sentido de qualidade, quantidade, tempo e aproveitamento de tudo. Isso vale para qualquer técnica/prática. É um ápice de concentração, mente afiada; meditação.

Desenhos de Leonardo da Vinci (acima a esquerda).
 Ilustrações de Ernst Haeckel (ao lado)
 Fotografias de Karl Blossfeldt (acima)
 Imagens encontradas no Google ao digitar os nomes dos autores.
 Acesso em 10/01/2019.

Detalhes de arquitetura de Antoni Gaudí em Barcelona.
Réptil em publicidade da revista Air Europa.
Imagens encontradas no Google ao digitar o nome do autor.
Acesso em 10/01/2019.

Leques populares, Metropol Parasol (Jürgen Mayer-Hermann. Sevilha-ESP, 2011) e obras de Reiko Sudo. Página ao lado, obras de Issey Miyake. Imagens encontradas no Google ao digitar os nomes dos autores. Acesso em 10/01/2019.

Obras de Janet Echelman (esquerda).

Obras de Ryuji Nakamura (direita).

Imagens encontradas no Google ao digitar os nomes dos autores. Acesso em 10/01/2019.

Peça de artesão nordestino anônimo (acima). Fotos: Flora Assumpção

Obras de Junko Mori (abaixo).

Imagens encontradas no Google ao digitar os nomes dos autores. Acesso em 10/01/2019.

ATENÇÃO: PERCEPÇÃO REQUER ENVOLVIMENTO

Antoni Muntadas. trabalho de arte inserido em publicações de arte como adesivos ou intervenções na arquitetura com esta frase.

Sou Fujimoto. Reflexões publicadas em exposição na Japan House em São Paulo, visitada em dezembro de 2017.

"A natureza é invencível."

"Este é um ninho das pessoas do futuro. O interno e o externo se interligam e a natureza e o artificial se misturam."

"De vez em quando objetos encontrados se tornam sementes de arquitetura. 5 minutos depois, 5 anos depois, 50 anos depois."

"Podemos ver o futuro da arquitetura para além desta peneira? Embora se feche e se separe, e embora se altere como o terreno, ainda é uma superfície. A coexistência da simplicidade e da complexidade."

"Se pararmos para pensar, esta forma é amiga da arquitetura há milhares de anos."

"Um lugar coberto deveria ser uma das origens da arquitetura."

"Já que usamos um objeto artificial para imitar o verde, porque não utilizá-lo para abrir caminho para novas possibilidades do verde?"

"Morar dentro de uma flor. A reconstrução artificial de uma flor. Não como forma, mas como espaço."

"Uma caverna transparente."

"Uma caverna transformada em arquitetura. Ou um cinzeiro."

"Assimetrias são o início da arquitetura."

"A floresta, para mim, é sempre o arquétipo da arquitetura."

"Precisamos ouvir claramente os vários fluxos que se escondem pelo mundo. A função é um fluxo, mas não é o único. Há muitos outros fluxos a nosso redor."

"Geometria e desordem. Simplicidade e complexidade. O claro e o incompreensível."

"Uma cadeira que se ramifica como um árvore. Nas pontas dos galhos, crescem as plantas. Um híbrido de artefato e objeto natural. Esta cadeira deve crescer para se tornar arquitetura, tal como um árvores deve crescer de sua muda."

"Diferentes alturas são, de fato, mundos diferentes. Um novo relacionamento entre duas entidades."

"No futuro, o mundo será regulado por segmentos. O futuro não é a geometria pura, mas a reinvenção de segmentos semelhantes ao DNA. Por isso, as cidades do futuro não terão formas, só segmentos."

"Uma miríade de vácuos que se acumulam uns sobre os outros, criando um densidade feita de vácuo."

"Uma infinidade de vazios esféricos se sobrepõem uns aos outros; do vazio, faz-se o denso."

Sou Fujimoto.
Reflexões publicadas
em exposição na
Japan House em São Paulo,
visitada em dezembro de 2017.

"Trata-se aqui de uma torre? De um canecão de cerveja? De um modelo em escala de um vaso sanguíneo? De uma estrutura extraterrestre? Ou simplesmente de uma embalagem?"

"Uma casa em São Paulo. Uma caverna artificial com vidro; uma caverna transparente."

"O telhado grande, que bloqueia a luz, criando um espaço urbano a partir das subidas e descidas dos feixes de luz. Criam-se vários reinos entre o transparente e o opaco."

"Se este cintilar de luz é parte do que se torna arquitetura, então ele deve ser atemporal."

"Um espaço frequentemente é a pele descartada de algo."

"A arquitetura, penso eu, é algo que primeiro se encontra e só depois se faz."

Quando comecei a desenhar catracas e corrimãos de ônibus sinuosos em 2004, ainda na graduação, o Marco Buti me falou sobre a organicidade das linhas, ao passo que o Evandro Carlos Jardim me recomendou que desenhasse nuvens e ondas. Isso transformou e influenciou toda minha maneira de ver e pensar visualmente. E, talvez, até hoje ainda não consegui cumprir esta tarefa. Antes eu passei a desenhar árvores –araucárias; uma corruptela, pelo eixo central estruturando uma simetria radial que dava certa previsibilidade na fluidez da organicidade e que já anunciava direções que seriam trilhadas – para só depois encarar os movimentos orgânicos das massas não sólidas. O interesse pela luz e pela transparência, pelos reflexos, refrações, espelhamentos veio como uma decorrência natural.

"Moda é arquitetura, é só uma questão de proporção"

[Coco Chanel]

in: <https://blogdaarquitectura.com/moda-e-arquitetura/>
Acesso em 10/01/2019

Projeto de bolsas desenvolvido para lojinha do MAMAM-PE em 2014.
Serpente Beija-Flor [das criaturas Híbridas], 2014-18.
Protótipo - almofada feito por artesãs do interior de Pernambuco e peça
ornamental de artesanato popular para uso como castiçal.

desenho

RODÍO
PRATO
CINZAS
CONCRETO
LILAS

CURTO
TURQUESA
OCEANO
ICEBERG
MISCLIA
ANIL
NOITE
MIRINHO

Quando iniciei os tapetes não imaginei quão forte seria a relação cromática. Sabia que estaria condicionada as paletas industriais disponíveis no mercado, mas não vislumbrei que lidar com isso sucederia um exercício de pintura tão intenso e prazeroso. Se por um lado a indústria tinha um leque maior do que o imaginado para a quantidade das cores de feltro, nunca o produzia na totalidade das variedades ao mesmo tempo, mas cometia pequenos erros em variações (a cada lote) que tornavam todas as combinações mais interessantes. Também os módulos de plástico se revelavam, a cada dia, uma aquarela mais generosa ao olhar. Além das diferenças de cor de cada marca de pastas L, cada mudança de luz no ateliê ia transformando delicadamente os matizes e gradações de cor.

Para as *Pequenas Hydras* (as 'almofadas' usadas como pequenos tapetes) escolhi estampas de padrões diversos nas tonalidades disponíveis de azuis e verdes e deixei que as artesãs escolhessem livremente as combinações de cada peça.

SOBRE A REALIZAÇÃO DE CATIVA E TREPANTE

No primeiro semestre, a partir de janeiro/2018, dediquei-me intensamente a realização da exposição 'Cativa [a natureza da natureza]', desdobramento da série que iniciei em 2015. Esta foi uma grande instalação *site-specific* e que devido a escala agigantada (1500m² de arquitetura escultórica de Oscar Niemeyer), exigiu que se tornasse também um *work-in-progress* em forma de residência artística na própria obra após a exposição inaugurada na Galeria Janete Costa, Recife-PE.

Trabalhei com 04 assistentes em meu ateliê por quase 03 meses (janeiro a março) e montei a exposição com mais 05 assistentes da galeria em 10 dias de março, sendo a obra aberta ao público ao final deste mesmo mês. Durante todo o mês de abril realizei alterações na obra, de modo a melhorar o desenho no espaço. Foi um processo intenso de reflexão sobre o fazer manual e a ocupação do espaço arquitetônico de grande escala.

Neste período, eu recebia alunos de escolas e universidades de arte e arquitetura (graduação e pós-graduação), além de público espontâneo. Assim que resultou também numa experiência docente não premeditada, mas bastante enriquecedora. Cada situação de falar sobre o trabalho é uma oportunidade de internalizar e experienciar o discurso visual, e exercitar sua tradução em palavras.

A exposição 'Cativa' terminou em 10 de junho para o público, mas para mim a desmontagem se tornou também um processo de desenho no espaço, a fim de tentar resolver questões ainda em suspenso. Tornou-se outra atividade extremamente proveitosa para o doutorado e que alterou significativamente o resultado final desta tese e da próxima exposição ('Trepante', da mesma série), o que contribuiu exatamente para minha proposta inicial deste projeto de doutorado, onde eu previa questionar os meios

de registrar um trabalho de arte, fazendo com que o registro fosse também a obra.

Algumas dobras, esculturas e objetos foram transformados ou não foram realizados conforme projetado (em prol de uma simplificação necessária devido à escala da exposição, grande a ponto de alguns detalhes delicados perderem relevância no todo, e devido ao tempo disponível para realizá-la), ao passo que outros desenhos com linhas e os tapetes de feltro foram quase que totalmente recriados, mas isso é absolutamente normal dentro do processo criativo e em função dos usos e públicos de cada espaço. Os tapetes de feltro, se ficaram menos interativos ao corpo, também se tornaram pinturas extremamente bem realizadas no aspecto cromático (à despeito das inevitáveis limitações dos mostruários industriais) e na geometria, antecipando soluções vislumbradas na vontade de retorno à pintura e em experiências de pinturas murais anteriores.

Após a exposição 'Cativa' terminar e em função dela, recebi o convite de realizar outra exposição no Museu da Energia em São Paulo. Agora seria em uma área muito menor: 160m². Mas uma área externa do museu e sem paredes! Prontamente me interessei pela oportunidade de exercitar as questões que o tempo, a minha fisicalidade (como me refiro a limitações da dimensão física corporal) e o espaço arquitetônico anterior não permitiram solucionar de maneira definitiva (se é que isso existe; este ponto final das certezas).

Deste modo, em julho/2018 realizei a exposição 'Trepante [a natureza da natureza]', no museu da Energia em São Paulo e que se encerrou no mês de dezembro/2018. Esta obra atendia a outros anseios, pois terminou por se reconfigurar como um misto de 2 projetos anteriores não realizados e apresentados aqui nas páginas anteriores: 'A marquise tomada' e 'Trepadeira'. A primeira era uma intervenção na arquitetura e a segunda era mais uma peça escultórica coesa. 'Trepante' foi uma corruptela de

'Trepadeira' que atendia a ação de tomar/ocupar/rastejar (de 'A marquise tomada') mais veementemente do que percebemos a ação/movimento espacial uma planta trepadeira.

textos de Yohana Junker e Icaro Ferraz Vidal

Flora Assumpção

cativa

[a natureza da natureza]

abertura 24.03.2018 às 15h até 20h

visitação até 20.05.2018

ENTRADA FRANCA

quarta a sexta | 12h - 20h

sábados | 14h - 20h

domingos | 15h - 19h

galeriajanetecosta@gmail.com | 81 3355.9825

Realização:

Janete Costa
GALERIA

DIALOGO COM YOHANA JUNKER

Durante o período em que Yohana (em São Francisco) escrevia o texto para Cativa e eu (no Recife) fazia as obras e coordenava toda a produção da exposição.

No mês anterior, janeiro, visitamos juntas diversos lugares entre Recife, Olinda e João Pessoa, além da Galeria Janete Costa, onde seria a exposição, mas ainda não havíamos decidido nada sobre Yohana fazer o texto para esta exposição.

12/02/2018 21:49 - Yohana Agra Junker: Querida, qual vai ser o nome da exposição?

12/02/2018 21:52 - Flora Assumpção: Acho que vai ser este mesmo. Não pensei em outro melhor... Cativa [a natureza da natureza]. Esta palavra, como te falei, me incomoda um pouco por remeter a uns modismos contemporâneos que não combinam muito com meu trabalho, mas 'Cativa', tem muito sentido, pensando no meu projeto de mestrado, pois traz uma ideia de cativo, com a qual eu me debato desde antes do mestrado, associada a sedução, o cativo quase voluntário ou agradável... O José Spaniol, acho que na banca de qualificação, havia sugerido esta palavra, já não me lembro se para título do meu doutorado ou do 'Herbário' (obra que fiz no SESC Osasco)...

12/02/2018 21:49 - Yohana Agra Junker: E eu estava lendo uns textos do Latour. Nature after nature. Natureza depois da natureza.

12/02/2018 22:07 - Flora Assumpção: Uau!... Eu aqui nesta costura insana. Em pleno carnaval.

[Flora envia arquivo com imagens dos tapetes]

12/02/2018 22:08 - Yohana Agra Junker: Meu, e o vídeo que você encaminhou via San... [Siri Hustvedt, Art is a memory]... PQP... genial. E está ficando incrível, Flora.

12/02/2018 22:08 - Flora Assumpção: Que bom. Fico feliz e aliviada que você ache incrível. Estou adaptando muitas coisas.

12/02/2018 22:09 - Yohana Agra Junker: Mas a natureza é isso.

12/02/2018 22:09 - Flora Assumpção: Sim, aquele vídeo é bom demais. Inspirador.

12/02/2018 22:09 - Yohana Agra Junker: É o movimento constante de adaptar-se. É a metáfora da obra: Recalcular. Recalibrar. Redesenhar. Tenho pensado muito na linha e no desenho. No que você disse pra mim lá no Instituto Brennand.

12/02/2018 22:11 - Flora Assumpção: Sim... E estou repensando tudo por isso... como será a interação permitida do público. O que vai poder fazer. Pensando se vão tropeçar e/ou sujar e destruir tudo. A obra nunca pensei em guardar depois.

Mas tem a segurança do público também. E ainda uma itinerância, ao menos pelo Nordeste, estou querendo tentar. Pensando em placas do comportamento permitido. Porque o parque traz um público desentendido de arte. Mas também justo por isso é um ótimo local.

Sim. Tem toda razão. Boa! O movimento natural da vida. Está em tudo... E a coisa da grana interfere em tudo. Como tudo foi adaptado para o que não vai ser viável fazer. E OK, estou gostando do que vai ser possível fazer. Mas como é outro desenho... Menos volume no tapete. Vão interagir mais como tapete do que como escultura, do que como forma volumétrica. Daí terei q ver o q fazer para garantir a segurança sem tropeços e tombos.

Enfim. Estou te contando estes percalços porque acho que talvez possa interferir em algo do que você está escrevendo, não sei...

12/02/2018 22:20 - Flora Assumpção: O que foi que falei mesmo? Quando eu falei das plantas surgindo nas brechas de arquitetura?...

12/02/2018 22:22 - Yohana Agra Junker: Não. Você estava falando sobre uma questão mais ontológica do porquê as malhas de aço te fascinam, elas detém um desenho da natureza de uma forma mecânica. Você disse que quando realmente entendêssemos (enquanto humanidade) a complexidade do desenho na natureza, viveríamos de maneira mais consciente e harmonizada. Passaríamos a nos integrar com a natureza sem tantas emendas tecnológicas. Você se lembra disso?

12/02/2018 22:27 - Flora Assumpção: Ah sim! Claro!

12/02/2018 22:27 - Yohana Agra Junker: Fascinante isso. Eu nunca tinha ouvido isso dessa forma.

12/02/2018 22:27 - Flora Assumpção: Eu sempre penso sobre isso. Mais e mais desde o mestrado.

12/02/2018 22:28 - Yohana Agra Junker: Você já tinha ouvido/lido isso articulado dessa forma?

12/02/2018 22:29 - Flora Assumpção: Isso é parte do que eu escrevi nos agradecimentos do meu mestrado sobre minha mãe e meu pai e minha vida e pesquisa...

12/02/2018 22:29 - Yohana Agra Junker: Fala-se muito sobre a dimensão estética/ética, mas não da funcionalidade/mecanicidade do desenho na natureza como solução para essa conjuntura do Antropoceno... Sim. Muito forte isso.

12/02/2018 22:30 - Flora Assumpção: Foi um encontro do qual eu tomei consciência só no mestrado.

Ouvido ou lido com palavras, não. Não exatamente assim. Mas penso que de certa forma, é o que os indígenas e outros povos primitivos sabem e viviam. Eu acho que tem muita coisa ainda incompleta nestas reflexões e constatações e formulações sobre o Antropoceno. Até porque é ainda muito novo/recente tudo sobre isso. Acho que é algo q vai se percebendo quando se vai experienciando, acontecendo.

16/02/2018 21:06 - Flora Assumpção: Yohana. Alguns dados novos. Mudanças surgidas no processo. Não vou mais costurar os tapetes. Acho q não faz mais sentido, dado que mudou a questão da volumetria e isso perde a desaceleração do caminhar para adentrar os tapetes. Somente poderão pisar no tapete verde q ficará perto da mesa/núcleo de atividades do educativo abaixo do mezanino e perto da área administrativa e WC. (lembra?)

Serão módulos soltos apoiados uns sobre os outros. Mais MOBILIDADE.

Lidar c o FRÁGIL e o MUTÁVEL. Montarei direto no espaço.

Transporte mais fácil e sem danificar/dobrar/marcar os feltros.

Enfim. Estou contando porque, como falei, não sei se interfere no que você vai escrever.

16/02/2018 21:44 - Yohana Agra Junker: Flora. Estou com uns textos aqui tentando fazer sentido com as coisas que escrevi. Até hoje de noitão te mando algo pra você ver se tem algo a ver com o que você queria que fosse expressado.

16/02/2018 22:00 - Flora Assumpção: Vai ter a ver. Fica tranquila. Acho que o que conta também é esta troca, de você contribuir com sua percepção. Acho que a experiência de arte é isso, o artista propõe algo, mas a curadoria/teoria/crítica dialoga trazendo mais propostas que podem estar contidas no que eu propus ou serem novos conteúdos/percepções/saberes.

E é aí que o público ganha, recebe destes 2 'lados' e soma com sua própria percepção. E todos se enriquecem mutuamente.

16/02/2018 22:13 - Yohana Agra Junker: Engraçado porque o Moacir dos Anjos fala dessa descentralização que você está propondo e no emaranhamento de vários significados que surgem em pontos diferentes do processo, com agentes diferentes, seja artista, curador, o público, os objetos...

16/02/2018 22:29 - Flora Assumpção: Onde o Moacir fala disso? Naquele livro Arte Bra?

16/02/2018 22:30 - Yohana Agra Junker: Num simpósio sobre curadoria no Brasil. Vou procurar. Acho que tem impresso isso.

16/02/2018 22:30 - Flora Assumpção: Eu tenho este livro, o Flávio fez as fotos e o Moacir enviou

Mas ainda não li tudo, só trechos...

16/02/2018 22:31 - Yohana Agra Junker: Ah! Queria ler

16/02/2018 22:31 - Flora Assumpção: Temos 2 exemplares. Me lembra que te dou um.

16/02/2018 22:31 - Yohana Agra Junker: Eba!

Vou fazer um apanhado das minhas anotações pra te mandar. Vou seguir trabalhando.

[...]

16/02/2018 22:32 - Yohana Agra Junker: A arte vai flutuando pras urgências do contexto. Tem que existir as duas esferas [arte e política] sempre...

16/02/2018 22:33 - Flora Assumpção: A gente pode ser artista e quando ser militante não estar sendo artista. Idem pros teóricos da arte. Sou contra perder a qualidade da experiência visual em prol da mensagem política.

16/02/2018 22:33 - Yohana Agra Junker: O que eu acho fantástico na sua obra é este antídoto.

16/02/2018 22:33 - Flora Assumpção: Todo ato é político, mas nem tudo é arte.

16/02/2018 22:34 - Yohana Agra Junker: Sim... Tipo: o Brasil tá terrível. Mas olha essa experiência visual que te suspende disso tudo e te faz ver isso num continuum histórico, de *deep time*...

16/02/2018 22:34 - Flora Assumpção: Ou, podemos fazer arte com qualquer coisa. Mas não é qualquer coisa que é arte. Digo isso pros meus alunos direto.

16/02/2018 22:34 - Yohana Agra Junker: Sim.

16/02/2018 22:34 - Flora Assumpção: Gostei. Antídoto. Gosto

desta palavra para minha pesquisa.

16/02/2018 22:35 - Yohana Agra Junker: Você proporciona um encontro. Com o fantástico.

Que é material. Que é a natureza da natureza. A vida da vida.

A sua obra proporciona um colapso.

Que Latour fala: não há pura cultura, não há pura natureza. Tudo flui entre esses campos. Há contaminação o tempo inteiro. Há uma porosidade.

É preciso que se entenda a natureza a partir da cultura e a cultura a partir da natureza.

16/02/2018 22:37 - Flora Assumpção: Acho que sim. E apesar do crescente niilismo desanimador c a política... Tem também um lado positivo de mais politização do Brasileiro médio. Vide a Gaviões da Fiel e outras torcidas. E este carnaval foi um arraso.

16/02/2018 22:37 - Yohana Agra Junker: Sim!!!

[Yohana envia umas imagens de Richard Artschwager]

16/02/2018 22:38 - Yohana Agra Junker: Você conhecia esse artista? Aquelas obras que você me mostrou me lembraram essas gavetas. Esse artista diz que ele faz esculturas pros olhos e pinturas pras mãos, invertendo a relação que temos de olhar para pintura e tocar na escultura.

16/02/2018 22:40 - Flora Assumpção: Conheço pouco. Porque tem uma leva de artistas aqui no Brasil que trabalha na cola dele. O Daniel Acosta tem trabalhos nesta linha também. E vários mais novos e até da minha geração seguem o Acosta (você conhece o Acosta?) e nem sei se conhecem o Artschwager.

16/02/2018 22:42 - Flora Assumpção: Acho que devia ser mostrado sem vitrine este trabalho.

Parece trabalho do Marcelo Silveira. Mas o Marcelo mostraria sem vitrine.

(E só este se parece, ele tem vários outros trabalhos geniais, ele é muito genuíno e com discurso próprio. Acho o Marcelo um dos melhores do Brasil.)

16/02/2018 22:46 - Yohana Agra Junker: Vou procurá-lo.

16/02/2018 22:46 - Flora Assumpção: É aquele artista que tem aquele ateliê no centro antigo e que te mostramos a fachada.

16/02/2018 22:46 - Yohana Agra Junker: Nossa!! Lembrei!!!

16/02/2018 22:47 - Flora Assumpção: Ele veio aqui na 4ª pra gente conversar sobre minha exposição. E acha que não devo deixar ninguém pisar nos tapetes. Mas jamais achei que ele defenderia isso.

17/02/2018 02:44 - Yohana Agra Junker: Flora, queria ter algo que faça sentido para te enviar hoje, mas não estou conseguindo. Preciso de mais alguns dias. Estou trabalhando com alguns conceitos de Bachelard de que cada imagem é uma planta, que cresce, expande e que nos convida a atravessar a obviedade para uma busca mais profunda pelas raízes com a natureza, raízes da natureza. Ele diz que um trabalho poético é capaz de engendrar tamanha exuberância em nossa imaginação, de modo a fazer brotar o fascínio.

Jacques Bousquet diz algo que eu acho importantíssimo: que uma imagem custa à humanidade o mesmo labor que uma nova característica custa à uma planta. Cada dobra da natureza ao fruto de um trabalho intenso e sua obra nos convida a comungar desse movimento, a buscar outras maneiras de experienciar a natureza da natureza.

Deleuze fala muito sobre esse lance da dobra como movimento primordial, que tudo que acontece é um des-dobramento e um novo dobrar... e amassar/dobrar também é muito importante para Bachelard na escrita dele "La terre et les rêveries [de la volonté]".

E tem [Roger] Caillois, o fantástico natural (num texto de 1971) que é genial também.

Enfim. Estou lendo e estudando e me aprofundando desse mar denso, espesso. Vou continuar tentando te mandar algo nesses próximos dias. Como tinha te dito, tenho um trabalho gigante para apresentar no dia 22, mas depois estarei 100% dedicada a esse texto.

Vou continuar trabalhando nas leituras e coloco dias 22-24 de fevereiro como prazo. Pode ser?

17/02/2018 05:01 - Flora Assumpção: Uau. Estou achando tudo ótimo. Caillois, não conheço, depois vou procurar.

Faz este teu trabalho antes e fica tranquila que este seu prazo está ótimo, além de todos estes referenciais. Parece que vou adorar tudo!

17/02/2018 12:47 - Yohana Agra Junker: Obrigada, Flora! Escrevendo seu nome ontem num papel me dei conta de como seu nome é incrivelmente significativo pra tudo isso!!!!

17/02/2018 13:26 - Flora Assumpção: Rsrs... Pois é! E percebi isso porque quando eu fiz a exposição do Rabo de Lagarto no MAMAM - Recife, eu fui indicada pelo Marcelo Silveira para a diretora que se chama Beth da Matta... Flora, Silveira, Mata... Rsrs..., mas estou imaginando que você está dizendo também pela junção com o significado de Assumpção...

17/02/2018 15:59 - Yohana Agra Junker: Rsrsrs sim!! Que engraçado!!

[Flora envia arquivo com imagens dos tapetes]

20/02/2018 23:26 - Flora Assumpção: Este último tapete virou pintura total, se ainda havia alguma dúvida de que fosse pintura... Não são bem assim as cores, sutileza cromática nunca fica muito bem no celular, o cinza clarinho é lilás, o que muda bem a sensação da harmonia de cores.

21/02/2018 01:05 - Yohana Agra Junker: Que mandala maravilhosa :)))))) tudo a ver com o lance do mundo nascer das dobras que desdobram... que juntam extremidades no centro, que deixam a matéria mais densa, mais profunda, que estica e aproxima. Eu estou achando o resultado demais, Flora.

21/02/2018 01:07 - Flora Assumpção: Amando isso! Muito bom.

21/02/2018 01:07 - Yohana Agra Junker: Você tem alguma obra chamada hidra?

21/02/2018 01:07 - Flora Assumpção: Não...

21/02/2018 01:08 - Yohana Agra Junker: Certo.

21/02/2018 01:08 - Flora Assumpção: Mas estou à procura de títulos para estes tapetes. Quem sabe?...

21/02/2018 01:08 - Yohana Agra Junker: Olha, tem uma frase de Stéphane Mallarmé que diz o seguinte: 'Let us help the hydra clear away the fog...'

E tem a obra da Victoria Vesna que fala: 'no matter how alienated we may become, we produce patterns that mirror the natural world.'

[Flora envia arquivo de imagem]

21/02/2018 01:09 - Flora Assumpção: Estou tentando fazer 50 destas com artesãos locais.

21/02/2018 01:10 - Yohana Agra Junker: Vão para onde?

21/02/2018 01:10 - Flora Assumpção: Lindo.

21/02/2018 01:10 - Yohana Agra Junker: Já viu esses jardins em pé? Tipo com flor caindo das paredes verticais?

21/02/2018 01:10 - Flora Assumpção: Bom demais isso que mandou das citações.

Ficarão no chão também. Acho que perto da corrente-serpente-beija-flor. Ou espalhados...

21/02/2018 01:11 - Yohana Agra Junker: Entendi. Olha isso:

'In Greek mythology the Hydra, which was also called Lernaean Hydra, is a serpent-like monster. According to Theogony 313, the hydra is the child of Typhon and Echidna. Hercules, or Heracles in Greek mythology, kills the Hydra as one of his Labors. The Hydra lived in the lake of Lerna in the Argolid.'

21/02/2018 01:12 - Flora Assumpção: E se der tempo farei

espirais tipo aquela vermelha. Mas serão prateadas com os tetrapak. Sempre para o chão.

21/02/2018 01:12 - Yohana Agra Junker: Saquei.

[Flora envia arquivo de imagem]

21/02/2018 01:14 - Flora Assumpção: Faz tempo que li estas mitologias, mas me interessam demais. Isso *[arquivo de foto enviado]* eu queria fazer com uns 40cm de altura, com papel manilha rosa, craft e pardo amarelo misturado. Mas farei depois de tudo por último, se der. Após a exposição inaugurada, como atividade educativa com estudantes e público interessado, 40cm de diâmetro deste "tubo".

Relendo isso, fiquei com vontade de ter 9 tapetes e o título ser hidra. Mas só tenho 7, teria que gastar com mais materiais...

Ou contar as almofadas e as espirais de tetrapak como outras cabeças que já brotaram mais cabeças?....

Ou talvez a exposição se chamar hidra, mas às vezes parece, talvez, que não faz mais sentido (?) a serpente-corrente-beija-flor adesivada na parede, na toca formada pelo mezanino com a parede estrutural e as samambaias-trepadeiras... Eu tinha uma ideia de que esta corrente fosse como um deus-monstro-entidade-criatura-universo que habitasse ou se escondesse nesta floresta artificial. (lembra do Shishigami, do Miyazaki?). E que os desenhos com grafite direto na parede branca das serpentes-esqueleto fossem o mesmo que a corrente ou ainda o espírito do espírito da corrente, que fossem 3 que seriam um uno... ainda tem a apropriação da escada espiral como obra ao puxar as linhas cinzas e prateadas como teias de aranha. (Aliás, aquela ideia que tem no Angola Janga do desenho da teia de aranha como metáfora para a floresta e o quilombo e a floresta como casa... achei genial. E

antes fiquei pensando que o título também poderia ser algo por aí... esta metáfora da floresta/mata tem tudo a ver com a ideia da natureza da natureza para mim...)

21/02/2018 01:57 - Flora Assumpção: Mas fazer uma relação desta metáfora da teia de aranha com a floresta e com a hidra pode ser perfeito.

Agradeço, demais estas nossas trocas, estou amando trabalharmos juntas nesta pesquisa. Vou marcar com estrelinhas estas nossas falas, são documentos de trabalho e pesquisa. Isso é lindo porque é como amar as adversidades que nos fortalecem.

As cores deste *[último tapete]* estão me lembrando Diebenkorn, que eu adoro. Mas, claro, nada planejado. Ou planejado pela indústria.

25/02/2018 15:48 - Yohana Agra Junker: Acabei de chegar da conferência, vou fazer faxina na casa e seguir escrevendo. Te envio o que tiver hoje de noite e mais um pouco amanhã de noite.

25/02/2018 16:04 - Flora Assumpção: Que bom, amiga querida, mas descanse se precisar. Se precisar de 24h, temos este tempo.

25/02/2018 20:30 - Yohana Agra Junker: Olha o que está inspirando minha escrita!!!!

[Yohana envia arquivo de imagem]

25/02/2018 20:44 - Flora Assumpção: Boaaa!!!!

26/02/2018 01:47 - Yohana Agra Junker: Estava procurando o livro do Borges.

26/02/2018 02:01 - Flora Assumpção: De boa... Estava no banho. Parando de trabalhar só agora vou dormir umas horinhas e voltar. 'Medão' de não ter tempo de usar todo o material que comprei e que preciso usar para ficar boa a exposição...

Estes 2 do livro do Borges dos seres imaginários também são incríveis! E instigaram obras anteriores. Aliás, Se não me falha a memória, estão no meu mestrado nas notas finais trechos deste e de outros livros.

26/02/2018 02:29 - Yohana Agra Junker: Muito bom!! Vou te mandar a página que eu terminei.

Ainda com notas do que falta falar. Para mim, que não escrevo português há 10 anos, parece que está tudo muito confuso.

26/02/2018 02:32 - Flora Assumpção: Oba! Ótimo! Amanhã cedo vejo, deve estar bom.

Você manda bem demais em português também.

Yohana, está indo muito bem o texto, acho mesmo que vai ficar ótimo. A linguagem está perfeitamente adequada.

Os itens que você diz que falta falar acho que serão excelentes,

gosto muito deles e estou bem curiosa para lê-los. Estou respondendo meio rápido porque tenho muitas dobras para fazer ainda... Sobre a escrita, vou dizer duas coisas, só porque você ficou preocupada com seu domínio do português, mas não são erros.

Quando você usa a palavra *_sutil_* antes de *_membrana_*, você enfatiza o *_sutil_* mais do que o *_membrana_*

Pergunto se era o que você queria, ou se foi força do hábito, apenas pela inversão comum da língua inglesa. Não há problema se for assim que você quer mesmo, ok?!

E quando você usa a palavra *_industrializado_*: Foi uma escolha para enfatizar a ação humana no que é industrial feito pela máquina?

Ou seria o caso de escrever **industrial** mesmo?

Via de regra eu veria escrito *_industrial_mesmo_* naquela enumeração, mas eu gosto da quebra da expectativa do substantivo virar verbo conjugado, **industrializado**, porque verbo traz sujeito que age, no caso, humano que faz a ação da máquina...

Uma coisa, me diz – como você quer ser apresentada na parede?

Tipo suas profissões/atuações ou um mini currículo de 2 linhas.

Ah sim! E eu considero toda a exposição uma única instalação *site-specific* (uma obra única) composta por outras obras. Imagino que você também está pensando o texto inserido no seu capítulo (Não apenas para a parede da minha exposição) e talvez tenha pensado em obras que não estão nesta exposição exatamente quando falou “cada instalação, objetos”... etc. Mas daí acho que precisamos deixar clara esta ideia de que toda a exposição é uma instalação única.

Para não confundir o público leigo, que são a maioria.

26/02/2018 12:30 - Yohana Agra Junker: Excelente!!!! Estou contigo em tudo que você disse.

Estou achando que esses itens darão uma certa vitalidade para o texto. Você está certa, quero enfatizar a membrana, e acho que a palavra frágil é mais adequada do que a palavra sutil. O que você acha?

Pensei exatamente nessa questão da ação humana que precede a maquinaria do industrial. Vamos deixar industrializado mesmo?

Vou pensar nisso e te envio um texto bem pequeno.

26/02/2018 12:34 - Flora Assumpção: Frágil acho totalmente excelente. Diz muito mais coisas.

26/02/2018 12:34 - Yohana Agra Junker: Você está certíssima nisso! Eu estava pensando além da exposição. Deixarei isso claro então no texto que é algo único. Perfeito. Bora seguir trabalhando :)

26/02/2018 12:34 - Flora Assumpção: Siimmm.

26/02/2018 12:34 - Yohana Agra Junker: Eu realmente estou amando e aprendendo demais com essa troca.

26/02/2018 12:35 - Flora Assumpção: Também acho. Vitalidade e lindeza. Acho que você vai fazer uma tese linda e vou querer ler =))

E você trouxe referências que eu não conhecia, de autores que eu conhecia outras coisas que não me tocavam tanto. Vou olhar para eles de outro modo.

26/02/2018 12:44 - Yohana Agra Junker: Eu acho que esse é o papel fundamentalmente pedagógico de curadoria-academia, que geralmente se esquece em textos como esse. Já vi muita coisa escrita que falta profundidade, porque o texto é curto. Se puder apontar leituras em direções de outros autores, outras referências, sinto que cumpri meu papel.

Deixa-me te explicar algumas coisas rápidas sobre meu dia. Hoje darei aula e pegarei um trânsito danado. Acho que consigo te enviar mais uma página até hoje de noite. Estou levando muito tempo para escrever porque cada palavra tem seu lugar nesse texto tão curto. Acho que mais uma página (cerca de 700-1000 palavras) daria conta do resto do recado. Estou tentando compactar o máximo de informação num texto pequeno. Boa sorte com as dobraduras! Está ficando incrível.

26/02/2018 13:10 - Flora Assumpção: Sim sim, sim =)

Acho bom o texto não ser muito longo, 1 página me parece bom, mas também não precisa se tolher. Fique à vontade. Escreve o quanto achar que precisa para dizer o que está pensando/percebendo.

Ótimo dia para você!! Bom trabalho para nós.

27/02/2018 10:03 - Flora Assumpção: Yohana, li rápido, respondo melhor a noite. Mas acho que pode ser circuito *fine arts*. Sem tradução. Tenho dúvidas sobre a palavra *_fuxico_* e se devemos colocar referências das leituras citadas.

27/02/2018 10:44 - Yohana Agra Junker: Beleza para tudo. Eu usei essa palavra, mas me referia aqueles tapetes de biquinho. Não tenho nome para eles. Queria citar as partes das obras no texto, mas não sei como os tapetes são chamados E posso colocar a citação das obras todas como fiz na primeira nota de rodapé. Pode ser?

27/02/2018 10:50 - Flora Assumpção: Sim. Notas ao final. Acho que vou usar sua sugestão para os tapetes =) Hidra. Um nome para todos. Gostei como uma metáfora para as cabeças sendo as dobras

27/02/2018 13:36 - Yohana Agra Junker: Flora, surgiu uma questão sobre o texto. Aqui nos EUA nomeamos os artistas pelos seus sobrenomes. Funciona assim no Brasil também?

27/02/2018 13:45 - Flora Assumpção: Aqui é opcional.

Animais fantásticos ou humanos acho genial =)

Muito bom quando fala da hidra tapete, das dobras, do centro e da periferia, dos limites e conexões. Gostei muito.

Você acha que devo escrever hydra com Y ou em português com I?

28/02/2018 01:35 - Yohana Agra Junker: Gosto do Hydra porque dá um tchan de imaginação, sabe?

Uma licença poética, de uma criatura fantástica :)

Que alívio, amiga!!!! Queria muito que te tocasse.

28/02/2018 05:20 - Flora Assumpção: Siimmm.

Já me tocou desde as nossas conversas sobre o texto, (co)move a trabalhar. Gostei de mais coisas e queria comentar com calma, mas está muito puxado tanto módulo para fazer.

O Claudio Mubarak, artista e professor da minha banca, fala em 'ideias de fabricação', que é um título de exposição dele. E ele falou algo, acho, sobre eu também ter isso no meu fazer, no processo do trabalho, e isso é também a analogia que você fez com o fazer manual, com a arte popular. E de fato os artesãos que tem me ajudado com as almofadas creem que farei o mesmo que eles.

Fico pensando o que eles vão achar quando verem a exposição pronta...

Estes momentos de instalação de exposição são muito intensos.

01/03/2018 02:46 - Flora Assumpção: As trepadeiras são também uma cascata/cachoeira/onda/maremoto, acho que esqueci de falar desta ideia. Eu gosto destes hibridismos, misturas simbióticas unas.

03/03/2018 21:33 - Flora Assumpção: Eram isso. Penso nestas palavras e materialidades do elemento água frequentemente no meu trabalho. Talvez seja o que me encanta no conto do animal imaginado por Edgar Allan Poe que Borges relata. Aquilo me fascina.

03/03/2018 21:35 - Yohana Agra Junker: Sim. Entendi.

03/03/2018 21:36 - Flora Assumpção: Mas fale disso apenas se você achar que cabe agora

03/03/2018 21:36 - Yohana Agra Junker: Como chamam as trepadeiras?

03/03/2018 21:40 - Flora Assumpção: Não sei, mas queria algo que dissesse justo isso, que remeta a Maremoto, Onda, cachoeira, Cascata (gosto porque também traz a ideia da casca/carapaça) Trepadeiras. Mas ao mesmo tempo não é apenas isso, é vegetação (artificial) tomando a arquitetura. Floresta X jardim? Também são plantas rasteiras ou parasitas ou apoiadas, comensalismo etc. Penso nestas relações da biologia.

03/03/2018 21:55 - Yohana Agra Junker: Espera. Mande uma coisa, mas posso pensar em outra.

03/03/2018 22:00 - Flora Assumpção: Ok

03/03/2018 22:02 - Yohana Agra Junker: Que tal essa frase:

Cada estrutura de folhagens artificiais que demarcam a galeria, por exemplo, podem ser descobertas como trepadeiras, plantas rasteiras, uma cascata ou cachoeira camufladas que abalam o espaço como onda ou maremoto.

Melhor: As estruturas de folhagens artificiais que demarcam a galeria, por exemplo, podem ser descobertas como trepadeiras, plantas rasteiras, uma cascata ou cachoeira camufladas que

abalam o espaço como onda ou maremoto.

03/03/2018 22:04 - Flora Assumpção: Sim :) entrando ali mesmo onde estava o grifo?

03/03/2018 22:05 - Yohana Agra Junker: Isso... Mudei ainda:

Cada estrutura de folhagens artificiais que demarcam a galeria, por exemplo, podem ser descobertas como trepadeiras, plantas rasteiras, uma cascata ou cachoeira camufladas que abalam o espaço como ondas, maremotos.

03/03/2018 22:06 - Flora Assumpção: Sim sim! Maremotos! Camuflagem foi bom entrar no texto, e essa citação que você usa para abrir o texto é muito genial.

"La ornamentación, para ser interesante, hade presentar objetos que nos recuerden ideas poéticas, que constituyan motivos. Los motivos son históricos, legendarios, de acción, emblemáticos, fabularios, con respecto al hombre y su vida, acciones y pasión."

"No cabe duda, se ha de hacer una ornamentación basada en la manera nuestra de ser y que interese lo mismo a sabios que a los que no son."

"La aspiración del arte es la plenitud del efecto que se propone."

"Nada es inventado, ya que está escrito primero en la naturaleza. La originalidad consiste en volver al origen."

Antoni Gaudí. Caderno de notas 1873-79

Em tradução livre:

"A ornamentação, para ser interessante, tem que apresentar objetos que nos lembrem idéias poéticas, que constituem motivos. Os motivos são históricos, lendários, de ação, emblemáticos, fabulosos, com respeito ao homem e sua vida, ações e paixão".

"Não há dúvida, devemos fazer uma ornamentação baseada em nosso modo de ser e que interessa da mesma forma aos sábios e a aqueles que não o são."

"A aspiração da arte é a plenitude do efeito que é proposto".

"Nada é inventado, já que está escrito primeiro na natureza. A originalidade consiste em voltar à origem."

ATENÇÃO

Você está entrando em um espaço de contemplação, de aprendizado e de arte.

- **Seja cuidadoso e atento**
- **Caminhe devagar e com cuidado**
- **Não corra**
- **Não pise nas obras**
- **Não toque nas obras**
- **Proibido entrar na galeria com skates, patins, patinetes e afins**

DESACELERE

SOBRE A SINALIZAÇÃO

O próprio nome do local, Galeria Janete Costa, revela um ensimesmamento ou desconhecimento (intencional ou não) das problemáticas de sua área de principal atuação: artes visuais.

Galeria, para o público comum, não significa de arte, pode ser algo comercial ou de eventos gerais. Assim que o público que frequenta o parque Dona Lindu, onde se localiza a Galeria Janete Costa, adentra o espaço expositivo como se fosse uma extensão do parque com os mesmo usos. Em frente a galeria, segue a típica marquise modernista de Oscar Niemeyer, que facilmente se transforma em espaço de prática de esportes diversos. Há quem adentre a galeria com skates, patins, patinetes, até bicicletas infantis e afins, ou portando mastros enormes cheios de balões etc. A galeria funciona como um abrigo de chuva para muitos e, para outros tantos, como uma continuação do playground. Nos sábados e domingos, o espaço de 1500m² se torna pequeno e até apertado; com muita frequência a lotação máxima de 300 pessoas é atingida.

Então desde o princípio, eu sabia que precisaria adaptar as primeiras ideias para um público que nunca ou quase nunca frequentou um museu como o MASP ou o MEPE e outros semelhantes e não teriam noção da postura cuidadosa e desacelerada

requerida nestes espaços de aprendizado e pesquisa (o que o são mesmo quando visitados como lazer). Muito provavelmente este público não se preocuparia com qualquer durabilidade ou integridade da obra, o que seria um entrave para futuras/eventuais itinerâncias (que me interessavam). Pelo trabalho massivo era impensável (re)fazer duas ou mais vezes a totalidade das peças da exposição. Ou seja, eu não poderia desenhar no espaço como se estivesse expondo em um museu que impõe determinada postura dos visitantes.

Parti para adaptações necessárias. Adaptações que também precisaram se adequar ao orçamento e ao tempo disponíveis.

Para minha surpresa (e certa decepção, claro) não encontrei tantos assistentes interessados e competentes nos trabalhos manuais entre os estudantes de artes visuais da UFPE quanto teria encontrado no CAP-USP ou no IA-UNESP (referência que trago de assistentes de trabalhos anteriores). Talvez por ser um curso de licenciatura, não sei... Cheguei a buscar assistentes entre costureiras e artesãos do bairro de meu ateliê ou indicados pelas artesãs de São Lourenço da Mata-PE que me ajudavam com as costuras nas peças pequenas em tecidos. Descobri que era necessário mais raciocínio matemático do que eu percebia para produzir as dobras e encaixes em acetato translúcido.

Assim, com menos assistentes do que o planejado, também o tempo passou a ser um fator limitante. A quantidade de módulos translúcidos ficaria aquém do planejado no projeto inicial.

Não haveria verba para a quantidade de material necessária para o volume escultórico dos tapetes. Sem o volume escultórico que faria o visitante ter que subir cada degrau-módulo e ir subindo e descendo outros tantos níveis (de piso instável pelos afundamentos típicos de tecidos fofos)

ao adentrar os tapetes, situação que fatalmente exigiria um desaceleramento do caminhar/correr, ficou clara a necessidade de placas no ambiente expositivo. Isso somado à relação tamanho do espaço e o número reduzido de monitores do setor educativo, única equipe disponível na Galeria. Ao mesmo tempo, muitas placas e sinalizações tirariam a atmosfera lúdica desejada, de modo que a opção era correr certo risco, contando com a sensibilidade e respeito (ou não) de cada visitante.

As obras sobreviveram em melhores condições do que o suposto, a tirar pelos comportamentos dos finais de semana e de algumas pessoas (nem todas crianças...) mais 'estabanadas' e afoitas. Porém, o que me mais me intrigou foi um aspecto que me esforcei para entender ser positivo do 'mau-comportamento' do público em relação à integridade das obras.

Apesar de ter previsto os riscos de antemão, pelos anos expondo e pelos anos em que trabalhei no SESC Pompeia em educativos de exposições, me pasmou a quantidade de pessoas que tinha certeza que a exposição estava lá para elas –e de fato estava– mas percebiam isso no sentido de que poderiam pisar, sujar, amassar, destruir conforme lhes apetecesse... não se preocupavam em como as obras estavam lá, se alguém havia feito aquilo, se custou esforço (ou até dinheiro! afinal, existe algo de fato gratuito?...), não lhes ocorria para quem ou para quê eram/serviam as peças, se tinham dono, se podiam destruir, se outros poderiam visitar a galeria depois deles e querer ver o que eles estavam vendo tal como estava. Ao entrar na galeria, muitos tinham certeza que era um espaço de total liberdade (até para destruição irrefletida). Certamente este é um dado cultural brasileiro da relação de respeito com o próximo, a propriedade e o bem-público...

Mas, lembro-me sempre que a Regina Silveira costumava dizer que o público não deve sentir as dificuldades e o esforço da execução da obra, que o esforço do artista jamais deveria estar aparente para o público, ou a poesia estaria perdida. Isso era dito vinculado aos motivos da necessidade de se dominar a técnica, pois não haveria experiência possível de transcendência para os espectadores com a arte se ficassem pensando em quanto o artista sofreu para realizar a obra/exposição.

Concluí, junto com o diretor da galeria, Carlito Person, que deveríamos preparar algum tipo de sinalização. Assim, esta (página anterior) é a placa de advertência, elaborada para ser afixada (e instalada) logo na porta de entrada da galeria. Foi decidido que a placa permaneceria na galeria após minha exposição, para as próximas mostras.

"Gaudí ha construído una casa según las formas del mar
Representando las olas en día de tempestad

Verdaderas esculturas de los reflejos en el agua

Nubes crepusculares en el agua de las que emergem

Formas de agua que se extiendem

Formas de aguas estancadas

Formas de aguas extendidas

Aguas espejadas

Aguas rizadas por el viento."

[Salvador Dalí sobre Gaudí. Fonte: audioguia da Casa Batlló, Barcelona, Espanha]

Em tradução livre:

"Gaudí construiu uma casa de acordo com as formas do mar

Representando as ondas no dia tempestuoso

Verdadeiras esculturas de reflexos na água

Núvens crepusculares na água da qual emergem

Formas de água que se estendem

Formas de água parada

Formas de água estendidas

Águas espelhadas

Água enrolada pelo vento.

"A ornamentação foi, é e será colorida; a Natureza não nos apresenta nenhum objeto monocromático, ou seja, totalmente uniforme quanto à cor, nem na vegetação, nem na geologia, nem na topografia, nem no reino animal. O contraste de cor é sempre mais ou menos vivo. Sendo assim, devemos colorir, obrigatoriamente, uma peça arquitetônica ainda que seja uma parte ou tudo, de uma cor que talvez desapareça com o tempo, o qual se encarregará de dar-lhe outra cor mais apropriada ou típica de uma coisa antiga."

Antoni Gaudí, em seus diários, citado em CIRLOT, Juan-Eduardo. **Gaudí - Obra Completa**. Barcelona: Triangle Books, 2018. P.31.

textos de Yohana Junker e Icaro Ferraz Vidal

Flora Assumpção

cativa
[a natureza da natureza]

abertura 24.03.2018 às 15h até 20h
visitação até 20.05.2018
ENTRADA FRANCA
quarta a sexta | 12h - 20h
sábados | 14h - 20h
domingos | 15h - 19h
galeriajanetecosta@gmail.com | 81 3355.9825

Realização:

Janete Costa GALERIA

Dona Linda PARQUE

RECIFE PREFEITURA DA CIDADE

textos de Yohana Junker e Icaro Ferraz Vidal

Flora Assumpção

cativa
[a natureza da natureza]

abertura 24.03.2018 às 15h até 20h
visitação PRORROGADA até 10.06.2018
ENTRADA FRANCA
quarta a sexta | 12h - 20h
sábados | 14h - 20h
domingos | 15h - 19h
galeriajanetecosta@gmail.com | 81 3355.9825

Realização:

Janete Costa GALERIA

Dona Linda PARQUE

RECIFE PREFEITURA DA CIDADE

COMUNICADO PARA IMPRENSA (RELEASE)

‘Cativa [A natureza da natureza]’ é uma exposição individual de Flora Assumpção na Galeria Janete Costa, que traz, através do pensamento visual, uma reflexão crítica e estética em forma de uma grande instalação (*work in progress*) sobre a relação do homem com a natureza e sobre sua condição paradoxal de ser parte integrante da natureza, enquanto se crê diferente, separado desta e atua em constante medição de forças com o meio natural.

As obras que compõem a instalação são criadas em diversos materiais cotidianos retirados da indústria e de seus usos corriqueiros e manufaturados por processos estabelecidos pela artista, mas que remetem ao fazer manual, às artes decorativas e ao artesanato. Assim, a artista se posiciona de forma crítica contra a desvalorização da técnica e do fazer manual no circuito contemporâneo das artes visuais, questionando a falsa dicotomia entre teoria e prática. Ironicamente, há desenhos e formas primordiais na natureza que se repetem, inevitavelmente, tanto no corpo humano quanto em todas as máquinas e criações humanas, reproduzindo a geometria da natureza, do universo.

Ao longo da história da arte, diversos artistas já se depararam com estas constatações visuais, desde Leonardo da Vinci até Ernst Haeckel, Antoni Gaudí e Karl Blossfeldt, além de filósofos como Edgar Morin.

CATIVA [A NATUREZA DA NATUREZA]. 2018.

Instalação com dobraduras modulares de plásticos translúcidos coloridos, tecidos e tetrapak, desenhos com grafite, linhas e impressão digital.

Galeria Janete Costa, Parque Dona Lindu, Recife-PE, Brasil. 1500m².

Instalação *site-specific* | *work in progress* composto pelas obras:

Rastejantes [ou Cascata]. 2015-2018.

Plásticos translúcidos coloridos e grampos. Dimensões variáveis.

Hydra. 2018.

Tapetes de feltro sintético. Dimensões variáveis. 07 unidades

Pequenas Hydras. 2018.

Tecidos diversos algodão natural. Dimensões variáveis. Cerca de 40 unidades

Pequenas Naturezas. 2018.

Tetrapack reutilizado. Dimensões variáveis. Cerca de 20 unidades.

Teia [Ananse Ntontan]. 2018.

Linha prateada, pregos e escada em espiral. Dimensões variáveis.

Mboitatás I e II (versão II). 2009-2018.

Desenho com grafite sobre parede. Dimensões variáveis.

Serpente Beija-Flor, das Criaturas Híbridas. 2014-2018.

Impressão digital. 2,8 x 7,55 m

Toda a exposição –que contém por si minha tese de doutorado no Departamento de Artes Visuais da ECA/USP– é feita com uma única dobra, a mesma, repetida à exaustão, são mais de 120 mil módulos só falando dos translúcidos, os rastejantes e os suspensos.

E ainda tem a mesma dobra repetida nos módulos de feltro, os tapetes, é só outra organização de sobreposição e encaixe, mas ainda é a mesma dobra.

É uma dobra de costureira, bem tradicional, de enfeite, adereço de roupas, faziam muito em fitas de cetim, detalhes para ornar os vestidos, os boleros, as costuras, fantasias...

E depois eu repito mais uma vez esta dobra, nos tecidos naturais diversos nas pequenas capas de almofadas que fiz com as costureiras da Associação de artesãos de São Lourenço da Mata e que são reconfiguradas para peças de chão, pequenos tapetes aglomerados, pequenas naturezas recriadas, como um jardim, novamente trazendo a discussão do artificial e da cultura.

Cativa [A Natureza da Natureza], Flora Assumpção

Yohana Junker, doutoranda em história da arte e ciências da religião na Graduate Theological Union, Berkeley, California. Pesquisa arte contemporânea nas Américas, com ênfase na convergência entre arte, ecologia, espiritualidade e produção artística indígena.

“Não importa quão alienados nos tornemos, continuaremos a produzir padrões que espelham o mundo natural”

Trecho da obra de Victoria Vesna, 'Mind and Body Shifting:

From Networks to Nanosystems,' 2002.

As obras de Flora Assumpção aqui reunidas propõem um atravessamento da membrana frágil que separa o natural do artifício. Em *Cativa [A Natureza da Natureza]*, a instalação complexa que se estende por todo espaço da galeria re-desenha e re-apresenta padrões encontrados na natureza, nos convidando a ruminar sobre o caráter da intervenção humana nela. Será que integramos e sustentamos os ambientes que habitamos ou também os desestabilizamos, dominamos e desnaturamos? Adentramos *Cativa* como espaço de cativação ou cativeiro? Seremos seduzidos, encantados ou aprisionados pela beleza e sensualidade da instalação? Por meio da manipulação de materiais do cotidiano—produzidos industrialmente e modificados manualmente—Flora nos confronta com tais interrogações.

Num mundo tão fantástico quanto exuberante que a artista nos proporciona, a percepção do espaço, da arte e da natureza se emaranham. O material—que em outras instâncias seria considerado inerte e não-responsivo—passa a incorporar vitalidade, complexidade e dinamismo, como os seres imaginários

de Borges. À medida em que seguimos o percurso destes materiais pela galeria, passamos a esquadrinhar um labirinto de possibilidades no qual a relação com a matéria se caracteriza mais por movimento, fluxo, oscilação e volubilidade do que por forma, propriedade, permanência e estabilidade, como sugerem Deleuze e Guattari.¹ A obra de Flora também nos remete ao pensamento de Elizabeth Grosz, Donna Haraway e Jane Bennet: todas sugerem que objetos *naturais e artificiais* estão sempre em estado de alteração, emaranhados numa vibrante teia de relações e colaborações pegajosas, voláteis.² Nesta simulação híbrida que consubstancia a natureza, o cotidiano, a tecnologia, o industrializado, a maleabilidade e a rigidez, as obras confundem a expectativa do observador, enevoando os limites entre forma e função, familiar e fantástico, o lúdico e o crítico. As estruturas de folhagens artificiais que demarcam a galeria, por exemplo, podem ser descobertas como trepadeiras, plantas rasteiras, tentáculos animais, uma cascata ou cachoeira camufladas que abalam o espaço como ondas, maremotos. Sua investigação artística traz experimentos que delineiam e articulam uma cartografia da proximidade. É no entrelaçar das formas, das repetições, dos materiais, das cores, das texturas e dos corpos (sejam eles animais fantásticos ou humanos) que um convite nos é estendido para que tateemos e re-imaginemos as possibilidades, mutações e limites da interação humana com a natureza.

¹ Deleuze e Guattari, *A Thousand Plateaux*, (1980) (Minneapolis: University of Minnesota Press, 2003).

² Jane Bennet, *Vibrant Matter: A Political Ecology of Things*, 2010; Elizabeth Grosz, *Architecture from the Outside: Essays on Virtual and Real Space*, 2001; Donna Haraway, *Staying With the Trouble*, 2016.

Tal convite-provocação desloca o animal humano da posição de centralidade criativa: somos tão fundamentalmente nativos quanto recolhidos da natureza—tão fabricantes quanto fabricados por ela. Para Bachelard, é no tocar dessas formas e ramagens que podemos compreender a realidade: cada gesto poético capaz de penetrar a membrana da matéria encontra, do outro lado, a beleza e o “cerne do ser.”³ Na lírica de Bachelard, a matéria possui dois valores: um de elevar e outro de aprofundar a imaginação humana. Isso se desdobra num movimento vagaroso, doloroso e potente como articula Jacques Bousquet: “Uma nova imagem custa à humanidade o mesmo labor que uma nova característica custa à uma planta.”⁴ Em tal labor humano da imagem, Flora introduz a dimensão do trabalho manual em sua instalação—frequentemente ligado à atividade doméstica e à arte popular—ressignificando e reposicionando a criação artesanal num circuito artístico de *fine arts*. Esta manobra permite o desalinhar de práticas artísticas tidas como dominantes, costurando uma relação complexa entre o centro e a periferia que se dá na superfície de cada *Hydra*.

Nesta vasta instalação, as dobras desencadeiam inúmeras reações: elas esticam, encolhem, alargam, misturam, desdobram, conferem densidade e flexibilidade não somente à matéria, como também à memória e à imaginação.⁵ Em cada um dos milhares de vincos presentes na obra, a periferia encontra o centro, as extremidades tocam o eixo central e a energia produzida pela

tração das mãos no plástico, no feltro, no papel, encharcam esses materiais de potencialidade. As sobreposições das dobras da artista capturam as contrações do tempo, as contingências da história e evidenciam a advertência de Latour—de que não há pura cultura, tecnologia, ou pura natureza, tudo flui e contamina as diversas dimensões desta labiríntica rede.⁶ Ao perambular por esses espaços da galeria, talvez delineemos uma praxis transformadora e criativa às urgências de nossos tempos de modo a nos reintegrar tanto à natureza, quanto à produção—sustentável—do artifício. E, para que isto aconteça, sigamos *Hydra*—que vem para limpar a névoa que encobre nossas percepções.⁷

3 Gaston Bachelard, *L'eau et les Rêves*, (Paris: José Corti, 1942), 1-3.

4 Ibid.

5 Como articulam Michel Serres, *Atlas* (Paris: Éditions Julliard, 1994), 47-8 e Gilles Deleuze, *The Fold: Leibniz and the Baroque*, trad. Tom Conley (Londres: Athlone Press, 1993), 3.

6 Bruno Latour, *Politics of Nature* (1999) (Cambridge: Harvard University Press, 2004).

7 Stéphane Mallarmé, *Divagations*, citada por Bachelard em *L'eau et les rêves* (Paris, José Corti, 1942), 1.

Da artificialidade da natureza, da naturalidade do artifício

Icaro Ferraz Vidal Junior é pesquisador, escritor e curador independente. Atualmente realiza estágio pós-doutoral no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná, com bolsa PNPd/Capes.

Em *Cativa [A natureza da natureza]*, Flora Assumpção ativa o espaço da Galeria Janete Costa instalando uma série de elementos, formal e materialmente heterogêneos, de modo a compor um sistema e fazer jus à complexidade que o título da exposição evoca ao referenciar o primeiro tomo do *método* formulado por Edgar Morin: *A natureza da natureza*. Dizer que os elementos que Flora propõe ao público do Parque Dona Lindu integram um sistema é, antes de mais nada, um convite para que o visitante da exposição resista ao hábito de se relacionar com o mundo que o rodeia (aqui, o ecossistema criado pela artista) como uma série de *objetos* independentes que ele, *sujeito*, poderia vir a conhecer plenamente e controlar. A história das ciências modernas testemunha a persistência deste hábito de objetivação na relação com os fenômenos naturais e na produção de suas representações visuais. Olhar objetivamente para o mundo significa percebê-lo como “constituído de *objetos* isolados (em um espaço neutro) submetidos a leis *objetivamente* universais”¹. É impossível adentrar *Cativa* com este olhar sem sacrificar o que parece estar no cerne da poética de Flora Assumpção, notadamente, uma aposta na supressão das distâncias que separam e isolam o natural do humano, do artificial, do cultural. Diferentemente de uma exposição de arte onde se busca estabelecer um diálogo entre obras de arte pré-existentes e fechadas sobre si, em *Cativa [A natureza da natureza]* o todo parece exceder a soma de suas partes, e as obras-organismos que integram este bosque tomam parte em relações simbióticas.

O gesto da artista de configuração deste ecossistema poético-ficcional parece, em primeiro lugar, mimetizar o *élan vital* que se manifesta na impressionante resiliência de seres vivos dos mais variados reinos. Uma vegetação rasteira, em feltro e tecidos de texturas variadas, desdobra-se sobre o chão da galeria, como se um algoritmo biológico assegurasse a reprodução de desenhos e padrões ao longo de várias ordens de grandeza (o universo numa casca de noz), *ad infinitum*. A analogia *serpente-corrente*, que aparece em obras anteriores da artista, reveste aqui a parede sob o mezanino da galeria em uma versão na qual a penugem colorida de um beija-flor hibridiza-se digitalmente com os elos da corrente, reiterando e ficcionalizando esta persistência da geometria da natureza para além dela mesma. Esta imagem convive com uma vegetação sintética, resultante de um meticuloso trabalho de dobraduras que reproduzem os padrões de uma vegetação orgânica. A pele da serpente e a imagem híbrida da corrente-beija-flor apresentam uma inquietante semelhança, que nos permite reivindicar que esta imagem é efetivamente dotada do estatuto de objeto estético, tal como este se encontra formulado na filosofia de Gilbert Simondon. Segundo o filósofo, o objeto estético permite intuir a unidade mágica originária do mundo, perdida por uma defasagem ligada a processos de objetivação do mundo em pensamento técnico e de subjetivação do mundo em pensamento religioso². As serpentes e as plantas de Flora Assumpção parecem povoar um mundo anterior a estas divisões, que hoje se inscrevem entre natureza e cultura, entre sujeito e objeto, entre arte e ciência.

Mas é importante observar que o que parece viabilizar este acesso intuitivo à unidade mágica originária do mundo não se limita, na poética de Assumpção, às analogias que suas imagens figurativas nos permitem acessar – plantas suculentas e pastas de plástico; serpentes e correntes. Suspeitamos que este

acesso se dá a partir de uma conciliação, rara e contra-intuitiva, entre isto que chamamos de um *mimetismo do élan vital* – esta incorporação, no gesto criador, de um impulso que se apresenta, através de processos de reprodução, repetição e pequenas diferenciações, como análogo a uma *força natural* – e uma aposta em procedimentos técnicos, ligados ao trabalho manual, ao artesanato, às artes decorativas, através dos quais o trabalho humano não se oculta. A natureza sintética criada pela *artista-demiurga* escova à contrapelo as perspectivas que concebem as relações entre a natureza e o artifício como imiscíveis. Às questões apresentadas por Nietzsche em sua *gaia ciência* – “Quando teremos a natureza inteiramente desdivinizada? Quando nós, homens, com a pura natureza, descoberta como nova, redimida como nova, poderemos começar a nos ‘naturalizar’” – Clément Rosset propõe uma resposta que Flora Assumpção parece desdobrar e reverberar plasticamente nesta instalação: “o homem será ‘naturalizado’ no dia em que assumir plenamente o artifício, renunciando à própria ideia de natureza, que pode ser considerada uma das principais ‘sombras de Deus’”³.

Através de uma virtuose técnica que se desdobra nesta ocupação da arquitetura modernista de Oscar Niemeyer, a artista consegue esquivar-se de qualquer ilusão naturalista, e se inscreve na fronteira entre a natureza e o artifício. A definição de natureza a que chegamos a partir da poética de Flora Assumpção não se restringe à crença segundo a qual “subjaz uma obscura diferença, invisível porém essencial, entre o que se faz ‘por si mesmo’ (natureza) e o que se produz, se fabrica (artifício)”⁴. Parece que Flora intui que esta ideia de natureza não serve a outro propósito senão o de isolar e proteger o humano do *real* do mundo. A história do conceito de natureza, frequentemente definida a partir de seu caráter irreduzível à vontade e ao controle humanos, mostra-se demasiadamente antropomórfica. Mas não se trata,

em *Cativa [A natureza da natureza]*, de negar esta indiferença da natureza diante de nós. Trata-se, antes, de um sutil deslocamento poético-conceitual que investe a natureza não a partir do que ela não é, mas a partir de uma atenção a suas formas e padrões, cujas inscrições a artista atualiza neste bosque sintético que prolonga os jardins do Parque Dona Lindu no interior da Galeria Janete Costa. O exuberante bosque de Flora Assumpção parece afirmar, a um só tempo, a artificialidade da natureza e a naturalidade do artifício.

1 MORIN, Edgar. La méthode: 1. La nature de la nature. Paris: Éditions du Seuil, 1977, p. 96.

2 SIMONDON, Gilbert. Du mode d'existence des objets techniques. Paris: Aubier, 1989, pp. 159-178.

3 ROSSET, Clément. A anti-natureza: Elementos para uma filosofia trágica. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989, pp. 5-6.

4 Idem, p. 14.

TREPANTE

DA SÉRIE [A NATUREZA DA NATUREZA]

FLORA ASSUMPÇÃO

Inauguração: 7 de julho, às 11 horas

Museu da Energia de São Paulo
Alameda Nothmann, 184, Campos Elíseos

ENTRADA GRATUITA

Informações: 11 3224 1487 ou saopaulo@museudaenergia.org.br

f /redemuseudaenergia t @museudaenergia @energiaesaneamento

www.museudaenergia.org.br

3 fotografias acima: Rodrigo Veríssimo

TREPANTE, da série [A natureza da natureza]. 2015-2018

Texto: Luciana Nemes e Flora Assumpção

TREPANTE' é uma intervenção tridimensional penetrável, que recobre parcialmente a arquitetura por plantas verdes artificiais e cujo título, remete a uma trepadeira. O título abrange ainda a referência da ação humana a partir do processo de construção do concreto na arquitetura. O desvio da palavra trepadeira para a palavra Trepante reforça a ideia de movimento da criatura/animal/planta.

Anteriormente Lygia Clark criou uma série de obras utilizando esse título, nela a artista trabalha elementos similares ao de Flora: o rastejar por paredes e pisos de suas exposições, fazendo a obra habitar o mesmo ambiente que o espectador. E ao contrário das formas orgânicas realizadas em aço inoxidável por Lygia, Flora apresenta composições orgânicas criadas pela repetição de um único módulo com rigor geométrico, utilizando um material escolar e um procedimento artesanal.

Esta 'trepadeira-trepante', é um híbrido de artifício e natureza, na medida em que este desenho é formado por dobras e encaixes de plástico translúcido verde. A artista numa atitude de apropriação de materiais cotidianos utiliza pastas "L" daquelas encontradas comumente em papelarias, fabricados pela indústria, para recriar a natureza, tendo como referência a visualidade de folhas enceradas, pontiagudas e gordas, de cactos e suculentas, de cipós e outras trepadeiras.

'TREPANTE' ativa não só o debate contemporâneo das artes, mas atua como reflexão diante da relação Homem versus Natureza, pautadas pela interferência, poder e dominação. Refletem, portanto, as disputas de poder que a humanidade trava ao tentar

controlar/domar/subjugar a natureza e as consequências que estas ações trazem.

Ironicamente, a artista trabalha com mecanismo *low tech*, evidenciando a presença atemporal da tecnologia, visto que a criação humana inevitavelmente envolve tecnologia.

Há um paradoxo insolúvel nesta dualidade homem X natureza, pois que nada está fora desta (nem mesmo a humanidade e suas criações). Quase que como um duelo criatura e criador onde a artista brinca como criatura criando outras criaturas artificiais. A experiência lúdica e poética de criar um Frankenstein.

Recriar artificialmente aspectos visuais da natureza é uma estratégia para se pensar os desenhos e formas primordiais que se repetem tanto no corpo humano quanto em todas as máquinas e criações humanas que reproduzem a geometria do universo. Ao longo da história da arte, diversos artistas já se depararam com essas constatações visuais, desde Leonardo Da Vinci até Ernest Haeckel, Antoni Gaudí e Karl Blossfeldt, além de filósofos como Edgar Morin.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAM, Hans Christian. **Karl Blossfeldt - The Complete Published Work**. China: Taschen, 2014.

ALLAN-POE, Edgar. **A Narrativa de Arthur Gordon Pym**. São Paulo: Editora Cosac&Naif, 2002.

ALLAN-POE, Edgar. **Contos de Imaginação e Mistério**. São Paulo: Tordesilhas - Alaúde Editorial Ltda, 2014.

BIOY CASARES, Adolfo; BORGES, Jorge Luis; OCAMPO, Silvina. **Antologia da Literatura Fantástica**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

BIRNBAUM, Daniel; GRYNSZTEJN, Madeleine; SPEAKS, Michel. **Olafur Eliasson**. Hong Kong: Phaidon. 2002.

BORGES, Jorge Luis. **O livro dos seres imaginários**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BUTI, Marco. **Marco Buti**. Coleção Artistas da USP. São Paulo: Edusp, 1995.

BUTI, Marco. **Ir até aqui**. São Paulo: Cosac&Naif, 2006.

BUTI, Marco. **A Universidade na Arte, a Arte na Universidade**. Tese de Livre-Docência. São Paulo: **Revista ARS**. 2010.

BUXADE i Ribot, Carles; SERRANO, Josep Gómez; RIOS, Ramon Ferrando. **Basílica de la Sagrada Familia**. Barcelona, Escudo de Ouro, 2018.

CARVALHO, Paulo. **Natureza: Nada está fora dela - Arte contemporânea introduz novas problematizações sobre a relação do universo artístico com o meio ambiente**. In **Revista Continente**, Ano XIII, Setembro de 2014, P. 20-32. Recife: CEPE Editora. 2014.

CINTO, Sandra. **Imitação da Água**. São Paulo: Ed. Cosac&Naif, Catálogo de exposição do Instituto Tomie Ohtake, 2010.

CIRLOT, Juan-Eduardo. **Gaudí**. Barcelona: Triangle Books. 2010.

COETZEE, J. M. **A vida dos animais**. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

COETZEE, J. M. **Elizabeth Costello**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CORTÁZAR, Julio. **Bestiario**. (?): Punto De Lectura, 2007.

CORTÁZAR, Julio. **Casa Tomada e otros cuentos**. (?): Alfaguara, 2007.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DOS ANJOS, Moacir. (org.) **Armazém de tudo - Marcelo**

Silveira. Recife: Funcultura, MAMAM e Governo de Pernambuco, 2005.

DERRIDA, Jacques. **O Animal que logo sou.** São Paulo: Ed. UNESP, 1999.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **O Crocodilo e Notas de Inverno sobre Impressões de Verão.** São Paulo: Editora 34, 3ª edição 2000, 4ª reimpressão 2008.

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade.** São Paulo: Editora Perspectiva, 2011.

FLUSSER, Vilém. **Natural:mente - Vários acessos ao significado de natureza.** São Paulo: Ed. Annablume, 2011.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. **Cem anos de solidão.** São Paulo: Editora Record, 2009

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. **O Mar do tempo perdido. In A incrível e triste história da cândida Eréndira e sua avó desalmada.** São Paulo: Círculo do Livro, 1973.

GILPIN, Daniel. **Snakes – A Concise Guide to Nature's Perfect Predators.** Dubai: Editora Parragon, 2007.

GAUDÍ, Antoni. **La Pedrera.** Barcelona: Fundació Catalunya La Pedrera & Triangle Postals. 2015

GOMBRICH, E. H. **O sentido de ordem - Um estudo sobre a psicologia da arte decorativa.** Porto Alegre: Bookman, 2012.

GOULART, Fernanda. **Urbano Ornamento: um inventário de grades ornamentais em Belo Horizonte (e outras belezas).** Tese UFMG. 2014

HAECKEL, Ernst. **Kunstformen der Natur.** Leipzig und Wien: Bibliographisches Institut, ?

HARAWAY, Donna. KUNZRU, Hari. TADEU, Thomas. (org.) **Antropologia do Ciborgue-As vertigens do pós-humano.** Belo Horizonte: Ed Autêntica, 2000.

HEMINGWAY, Ernest. **O velho e o mar.** Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1960.

HUXLEY, Aldous. **Admirável Mundo Novo.** São Paulo: Abril Cultural, 1982.

LAPENA, Martinez. **Park Güell.** Espanha: Ed. Gustavo Gili, 2002.

LOCHER, J.L. **Magic of M. C. Escher.** London: Thames & Hudson, 2006.

MORIN, Edgar. **O método I – A natureza da natureza.** PoA: Ed. Sulina, 2005.

JAMES, Henri. **A Volta do Parafuso**. Porto Alegre: L&PM Editores, 2008.

JORGE, Eduardo. **Fragmentos de um texto-presa**. São Paulo: Folder de exposição de Thereza Salazar, Galeria Oeste, 2008.

KAFKA, Franz. **A Metamorfose**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

KAPOOR, Anish. **Ascension**. Rio de Janeiro: Catálogo do CCBB, 2006.

KLINK, Amyr. **Cem dias entre céu e mar**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1986.

NEVES NETO, Andrade. **A Mboitatá**. In SIMÕES LOPES NETO, J. **Contos Gauchescos e Lendas do Sul**. Porto Alegre: Editora Globo, 1965.

ORWELL, George. **A Revolução dos Bichos**. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

PAES, Renata. **Memória gráfica da arquitetura de Olinda**. Trabalho de Conclusão de Curso de Design, UFPE, Caruaru, 2017.

PAMUK, Orhan. **Meu nome é Vermelho**. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

PORTER, Liliana. **To see blue**. São Paulo: Catálogo de exposição da Galeria Brito Cimini, 2008.

PORTER, Liliana. **The enemy e outros olhares oblíquos**. São Paulo: Catálogo de exposição da Galeria Luciana Brito, 2012.

PUJADAS MATARIN, Anna; MITRANI, Alex; OLIVA, Raul e outros. **Kitsch Barcelona**. Espanha: Ajuntament de Barcelona, 2016.

QUEIROZ, Eça. **O Mandarin**. São Paulo: Editora Tordesilhas, 2012.

RETI, Ladislao *et al.* **The Unknown Leonardo**. New York, St. Louis, San Francisco, Toronto: McGraw-Hill Book Company, 1974.

SCALA, Mark W. **Fairy Tales, Monsters and the Genetic Imagination**. USA: Nashville's Frist Center for the Visual Arts, 2012.

SERAFINI, Luigi. **Codex Seraphinianus**. NY: Abeville Press Publishers, 2005.

SHELLEY, Mary. **Frankenstein [ou O Moderno Prometheus]**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

SILVEIRA, Marcelo. **O guardião das coisas inúteis**. Texto de Felipe Scovino. Catálogo de exposição no MAMAM. Recife: Facform, 2016.

SILVEIRA, Marcelo. **Residência Belo Jardim - Pernambuco-Brasil**. Rio de Janeiro: Automatica, 2018.

SILVEIRA, Marcelo. **3 em 1 de Marcelo Silveira**. Catálogo de exposição no Centro Cultural dos Correios. Recife: Facform, 2010.

SILVEIRA, Regina. **Linha de sombra**. Rio de Janeiro: Catálogo de exposição do CCBB-RJ, 2010.

SWIFT, Jonathan. **Viagens de Gulliver**. Brasil, Penguin Companhia, 2010.

TONE, Lilian. **William Kentridge - Fortuna**. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles/ Porto Alegre: Instituto Iberê Camargo/ São Paulo: Pinacoteca de São Paulo/ Bradesco, 2012.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural**. S.Paulo: Cia das Letras, 2010.

VAIZEY, Marina. **Christo Javacheff**. New York: Editora Rizzoli, 1990.

VARGAS LLOSA, Mario. **A Civilização do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2012.

VERNE, Julio. **Viagem ao Centro da Terra**. Porto Alegre: L&PM Ed., 2002.

VERNE, Julio. **Vinte Mil Léguas Submarinas**. Rio de Janeiro: Zahar Ed, 2011.

WARBURG, Aby. **Histórias de Fantasma para Gente Grande**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

WARBUG, Aby M. **Images from the Region of the Pueblo Indians of North America**. Ithaca and London: Cornell university Press, ?.

Filmografia de Referência:

CAPRA, Bernt Amadeus. **Mindwalk**. Áustria: Bavaria Films, 1990.

MALICK, Terrence. **Tree of Life**. 138min. EUA: Distr Imagem Films, 2011.

MIYAZAKI, Hayao. **Ponyo on the Cliff by the Sea**. Japão: Studio Ghibli e Walt Disney, 2008.

MIYAZAKI, Hayao. **A Viagem de Chihiro**. Japão: Studio Ghibli, 2001.

MIYAZAKI, Hayao. **Mononoke Hime**. Japão: Studio Ghibli, 1997.

MIYAZAKI, Hayao. **Nausicaä do Vale do Vento**. Japão: Studio Ghibli, 1984.

PENN, Sean. **Into the Wild**. EUA: 2007.

PETROV, Aleksandr. **The Old Man And The Sea**. (da obra de E. Hemingway). Rússia/Canadá/Japão: 1999.

VILA, Cristóbal. **Sequência de Fibonacci - Proporção Áurea**. Espanha: Etereastudios. 2010.

Sites de referência online

<http://anilaagha.squarespace.com/>
<http://anishkapoor.com/>
<http://www.antonygormley.com/>
<http://www.christojeanneclaude.net/>
<http://www.damienhirst.com/>
<http://doublenegative.tarasen.net/>
<http://www.eric-standley.com/>
<http://www.goldsworthy.cc.gla.ac.uk/>
<http://www.josepatricio.com.br/>
<http://leyamira.blogspot.com.br/>
<http://lilianaporter.com/>
<http://www.marcobuti.com.br/>
www.meredithwoolnough.com.au/
<http://naramelia.blogspot.com.br/>
<http://www.olafureliasson.net/>
<http://www.patriciapiccinini.net>
<http://reginasilveira.com/>
<http://www.richardlong.org/>
<http://www.robertsmithson.com/>
<http://www.strandbeest.com/>
<http://www.walmorcorrea.com.br/>
<http://www.zariaforman.com/>
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Frankenstein>
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Quimera>

Autoria de Flora Assumpção. Todas as fotografias e tratamento de imagem: Flávio Lamenha e Flora Assumpção (salvo indicação em contrário junto da mesma). Impresso com fonte Segoe UI e Helvetica Neue LT Std em papel alta alvura 150 g/m² pela Gráfica Masa em 2019.

Flora R. Assumpção